

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.



ASSIGNATURA.		NÃO SE RECEBEM ASSIGNATURAS POR MENOS DE 3 MEZES, SENDO ESTAS PAGAS ADIANTADAS, COMO É DE COSTUME. OS SRs. ASSIGNANTES TERÃO SEMPRE DIREITO A TODOS OS NUMEROS DESSE JORNAL, COMPREHENDIDOS NO TRIMESTRE, SEMESTRE OU ANNO DE SUA ASSIGNATURA. SUBSCREVE-SE NESTA TYPOGRAPHIA E NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DA CÔRTE.	ASSIGNATURA.	
CÔRTE E NICHÉROUY:			PROVINCIAS:	
Por anno.....	12\$000	Por anno.....	16\$000	
Por semestre.....	6\$000	Por semestre.....	8\$000	
Por trimestre.....	3\$000	Por trimestre.....	4\$000	

Profissões Liberaes.

V.

O ADVOGADO.

A vida moral, como a vida physica, está forçosamente dependente de certos elementos que a sustentão, fortalecem e vigorão, da mesma sorte que os alimentos materiaes conservão, assegurão e robustecem o corpo. E' dizer, a vida moral precisa para satisfazer a intima necessidade da adoração e culto pelo Ente Supremo — da religião; para a satisfação do instincto social e conveniencia reciproca dos homens entre si — do direito e da moral; para o desenvolvimento do puro sentimento do bello e do sublime — da esthetica.

Todo e qualquer d'estes elementos deve ter uma somma consideravel de sacerdotes fieis, cultores infatigaveis, ou valentes athletas, para que a obra magestosa do futuro progrida com energia e brilhantismo para o apogeu de suas aspirações.

Certo, porém, nenhum d'elles teria um momento de existencia, um resquicio de vida, uma garantia de apoio, se a mão sagrada do sacerdote do direito, do juriconsulto, não lhe viesse assegurar a defeza e protecção.

Sim, sem essa alavanca poderosa da civilização, a religião seria um puro sentimento adormecido e quiçá olvidado pelo desregramento em que se abysmaria a sociedade: sem esse esforçado arrimo, a moral seria um mytho; a arte o simples anhele dos corações bem formados e escandecidos por uma imaginação ardente; alfim, para não irmos mais longe — a sociedade um cháos.

Investigamos apenas o juriconsulto em uma de suas faces — o advogado. Vejamo-lo.

Erudito e profundo na idéa, facundo e penetrante na expressão, puro e fluido no estylo, devotado plenamente á sua honrosa profissão, e de uma probidade illibada; tal se nos antolha o archetypo elevado do defensor dos direitos do homem; e propugnador assiduo da pratica da justiça.

O campo de acção sobre que gyra essa entidade moral, denominada juriconsulto, é tão vasto, taes pontos de contacto e afinidade tem com todos os ramos da sciencia, e do seu geral conhecimento tanto depende, que irrealizavel seria a gigantesca idéa de attingir no primeiro dos caracteres intellectuaes que assignalamos no bello ideal d'esta altiva columna da sociedade a supremacia e perfeição ainda mesmo relativas.

Um grande poeta inglez disse: "O genio só é capaz de uma sciencia, tão vasta é a arte, e tão limitado o engenho humano." A nenhum ramo das sciencias é mais applicavel esse grave conceito do poeta didactico do que á do juriconsulto; porquanto o direito, como o Briareo da fabula, toca com os seus cem braços em todos os elos da multiplice cadeia dos conhecimentos humanos; por isso cumpriria ao esforçado lidador d'esta arena para alcançar o marco da viagem, não só ter adquirido a profundeza na idéa da propria sciencia, como tambem a immensa erudição nos variados conhecimentos humanos. Ser-lhe-hia preciso, para tocar com o dedo o *ne plus ultra* da carreira, engolphar-se no mar infinito da sabedoria.

Sobreleva tal condição na profissão do advogado, pois que seus trabalhos, sendo a um tempo

variadissimos, dependendo mil vezes de um estudo já feito e aprofundado, que lhe deve aproveitar na occasião, são-lhe indispensaveis a erudição fecunda e a profundeza de idéa, tanto na sciencia que cultiva, como em todas as mais, que são por assim dizer subsidiarias d'esse grande monumento de todas as eras — o direito.

A philosophia, a sciencia por excellencia, deve-lhe ser a substancia, a sciencia mãe das doutrinas, a fecundação de sua illustração; a historia, o archote luminoso do seu estudo; os seus principios da politica, a flammula do seu baixel; e as demais sciencias as companheiras prestimosas de sua derrota.

Que importa que elle jámais possa pronunciar a ultima palavra da sabedoria humana para poder descansar das fadigas de sua perenne labutação? Nunca lhe cõe pelos membros o frio suor do desanimo!

No quadro fulguroso do seu archetypo brilha, é certo, essa estrella resplandecente que lhe é impossivel attingir.

Mas a approximação constante d'esse alvo é o seu norte, o seu merito, a sua recompensa, e deve ser o seu ardor.

Embora incompleta sempre a sua anciosa aspiração, dentro em pouco a sua intelligencia robustecida por tal ou qual illustração terá conseguido a familiarisação com os preceitos substanciaes da sciencia, e será a chave de ouro de suas conquistas futuras, de sua entronisação no solio adamantino dos thuriferarios da justiça.

E assim se regosijará elle de dia em dia por ser a arma potente que combate em prol da razão e do direito, extirpando da sociedade os malles que lhe corromm as entranhas, fazendo profundas chagas na honra, vida, segurança e propriedade dos individuos, e se chamão: — vicio, crime, expliação e maleficios de toda a sorte.

Na pratica da profissão, para tornal-a efficaz, carece o advogado desenvolver a eloquencia, a arte oratoria; é este um dos meios indispensaveis de conseguir o seu almejado fim. Ora, ella não se adquire sómente pelo talento, senao tambem pela educação do espirito, do coração e da palavra. Repete-se muita vez que — o orador e o poeta nascem —. Uma tal proposição não tem mais do que um grande fundo de verdade, mas de certo não é mathematicamente verdadeira. A disposição, a decidida vocação nascem com o

homem, é verdade; mas este não será jámais nem orador, nem poeta, se não applicar á faculdade em embryão os recursos da arte, a seiva que requer a planta em germen para viver, crescer e florescer. Fica, portanto, entendido que é necessaria a applicação das forças extranhas ao Eu, que lhe dão novas luzes, e o fortalecem e transformão na senda da arte de Demosthenes.

Esses pharoes eminentes da eloquencia judiciaria estão collocados por sobre o intrapido amor da verdade, e o zelo ardente pela justiça. Assim o disse e praticou o grande chanceller d'Aguesseau, esse almo modelo de sabedoria dos tempos modernos.

Com taes vistas grandiosas, com um estylo singelo, puro e limado terá o jurisconsulto, que nobremente se dedicou á profissão da advocacia, obtido a poderosa arma da eloquencia, que será por seu turno o instrumento de operação da vasta illustração que lhe cumpre cada vez mais aperfeçoar. Então, não lhe faltará nem a nobreza das imagens, nem a harmonia da phrase, nem a altivez da expressão, e nem qualquer dos requisitos necessarios para levar ao animo dos juizes e dos espectadores a convicção da justiça por que pleitêa, procurando mover-lhe a tempo as paixões sem descer jámais da propria dignidade, e da do theatro ou tribunal em que trabalha a sua intelligencia por meio da palavra.

Não parão, porém, aqui os dotes que descobrimos pela analyse no bello ideal do advogado. Sua intelligencia deve ser animada de uma agudeza de espirito e penetração tal que não lhe deixe escapar em caso algum um ceitil do ponto da questão, que possa ser proficuo ao seu cliente; uma tal desidia, que a principio pareceu somenos, pôde depois tornar-se uma causa superior de proveito para seu adverso, o que é muitas vezes um cachopo irresistivel que se fórma por entre o fluxo e refluxo das vagas que se movem no mar do pleito.

Esta proficua qualidade cada vez mais se fortalece no animo d'aquelle que faz da profissão um idolo do seu devotamento, e da sua pessoa um sacerdote vigilante da preciosidade do seu ministerio.

Por sobre estes riquissimos dotes, que reunidos cremos completar a delicada obra massica da entidade moral que analysamos, o que devemos collocar para formar-lhe o esmalte, que tanto

deve fazer sobresahir o offuscante brilho da esplendida joia?

Como que já ouvimos pender dos labios do leitor philosopho, que com ansiedade espera pela ultima palavra d'este formoso archetypo.

Dil-o-hemos sempre —probidade illibada—. Uma tal qualidade sente-se, não se explica.

DR. M. J. RODRIGUES.

Sciencias.

REDONDEZA DA TERRA.—ANTIPODAS.

A'cerca da fórma do globo terrestre, houve na antiguidade excentricas opiniões, algumas das quaes, todavia forão professadas por philosophos, cujos nomes a posteridade sempre saudou com respeito.

Homero considerava a terra como um plano circular; Anaximenes e Xoxophanes dizião que tinha a figura de uma montanha, cuja base se extendia ao infinito; e que os astros gyravão em roda da montanha; Heraclides dava-lhe a fórma de um barco; Leucippo a de um tambor; Anaximandro pensava que era semelhante a um cylindro. Houve, finalmente, quem lhe dêsse a fórma cubica e a fórma hemispherica. Tão extranhos absurdos provinhão da imperfeição das sciencias cosmographicas d'aquelles tempos, ou da direcção d'ellas.

Talvez alguém julgue desacertado escrever-se um artigo em pleno seculo dezanove, para se ensinar ao publico, que a terra tem a fórma spherica ou redonda. Na verdade todos sabem dizer, que a terra é uma bola, e que ha antipodas; mas quantos haverá que nesta doutrina mais nada saibão, nem um só dos argumentos que afixão a veracidade de seu dito? São estes argumentos ou provas de tão importante verdade, que vamos apresentar concisamente, mas com sufficiente clareza para de todos serem entendidos.

Quando estamos no meio de uma vasta planicie, na superficie do globo, e lançamos a vista em roda de nós, parece que occupamos o centro de um circulo, que tem por circumferencia uma linha em que o céu encontra a terra. A' medida que caminhamos em qualquer direcção, descobrimos uma porção nova de terreno da parte para onde caminhamos, e do lado opposto deixamos de ver uma porção igual; mas sempre parece que o lugar que occupamos é o centro de um circulo terminado pelo encontro do céu com os

limites do horisonte. Similhantes apparencias nunca poderião verificar-se a não ser convexa a superficie da terra.

Quando collocados em uma praia, em que a vista possa alongar-se por um largo horisonte, assistimos á partida de um navio e continuamos a observal-o sobre as ondas, notamos que, passado certo tempo, lhe não vimos o casco, e que progredindo elle em sua derrota, na mesma direcção, os mastros se vão escondendo, até que afinal a embarcação desaparece de todo do nosso horisonte. Phenomenos inversos presenciamos, quando o navio voga directamente para o lugar em que nos achamos. O que primeiro vemos nos confins do horisonte são as extremidades dos mastros, e é a medida que a embarcação se approxima que vamos vendo de cima para baixo todas as outras partes. No primeiro caso são as partes mais baixas dos edificios, as que primeiro se lhe furtão á vista; no segundo caso apparecem primeiro as partes mais elevadas.

Observações terrestres da mesma ordem das que acabámos de citar, fornecem resultados analogos; e umas e outras provão a convexidade da superficie em que são feitas.

Outra prova é dada pelas numerosas viagens que se hão feito em roda do mundo, depois que João Sebastião de Elcano, que accompanhára a infausta expedição do portuguez Fernão de Magalhães, arribára á Hespanha em 1521, tendo ido pelo occidente, e vindo pelo oriente. Com effeito grande numero de navegadores têm descoberto, em suas longinquas viagens, outro céu com outras estrellas, vendo a parte opposta da esphera celeste; e isto em qualquer direcção que levem a sua derrota. Accessiveis estão ao náuta todos os pontos da terra, se exceptuarmos as regiões visinhas dos polos, onde as circumstancias climatericas não consentem organizações humanas.

E' fundados na conscienciosa idéa da sphericidade da terra, que os navegantes ousão sulcar a vasta extensão dos mares. E' n'essa mesma idéa que elles baseão os calculos, que lhes fazem cada dia saber o lugar em que se achão, quando, nas solidões do oceano, nenhuma outra cousa os póde dirigir senão a presença dos astros. E' tão certa é a esphericidade do nosso planeta, que tomando esta por base de seus calculos, não se enganão em suas mais delicadas determinações.

(Concluir-se-ha).

Fragmento de um romance.

(Continuado do n. 3.)

Seis horas depois de sua chegada ao pobre alvergue, a mãe de Maria, coberta com o seu lençol de terra no cemitério da Freguezia, e sua filha, isto é, a mesma Maria, cingida das primeiras faixas, confundia as suas com as minhas perninhas, mamando em um peito, enquanto minha mãe me amamentava em outro.

Se a caridade tem um symbolo, minha mãe é o symbolo da caridade!

Para mim e para Maria não haviam dous risos distinctos, nem duas caricias desiguaes. Havia um riso para ambos, e os mesmos affectos embalarão o nosso berço commum.

Assim crescemos, meu amigo, até á idade em que, deixando Maria, fui ser teu companheiro de collegio; mas n'esse lapso de tempo que vai do berço ao collegio, quantas venturas innocentes e naturaes não recolhemos mutuamente em nossos tenros corações! Aqui repetil-as seria doce á minha alma, se não fosse encher estas paginas de risos e de galas, quando eu só tenho pranto e lucto no coração.

N'essa idade o nosso amor fraternal como que se demudava em amor do céo. Nunca uma queixa de loucura infantil articuláramos nossos labios; nunca uma nuvem de perversidade tingio a candura do nosso céo!

E este apêgo entre mim e Maria não era puramente do instincto natural da attracção de duas almas sympathicas, era-o tambem promovido pelas caridosas lições de minha mãe, que mui de proposito nos relatava sempre a historia do nascimento de Maria, para que (dizia-me ella), nos olhassemos mutuamente como verdadeiros irmãos.

Tu sabes, Luiz, como sôem sempre predominar em nosso espirito as primeiras impressões que recebemos com os contos e as lendas que nos contão. Ficão tão gravadas na memoria, que nos acompanhão em todas as peregrinações da vida, e só desmaião sob o frio contacto do lagado sepulchral.

A sciencia que eu tinha do nascimento de Maria abriu em minha alma um manancial do mais depurado amor, que não creio em nenhuma creança da idade que então tinha eu; e n'alma de Maria a reciprocidade d'esse mesmo amor aro-

matizado com os perfumes de um reconhecimento só cabivel n'aquellas que por longos annos são acrysoladas nas desditas da vida.

Foi assim que insensivelmente a amizade de irmãos estava entre mim e ella substituida pelo mais ethereo amor!

Quantas vezes, correndo eu pela varzea, encontrei Maria contrariada por não poder apanhar a borboleta que alçava o vôo até onde suas mãos não podião chegar, e eu me esforcei em apanha-la e trazer-lh'a!

Que alegria, que gratidão se emanava do rosto d'esse anjinho! E que sustos e cuidados se, para cumprir o seu desejo, eu, incauto, me expunha aos grandes perigos que as creanças ou são affrontar com temeridade!

Então Maria, desistindo de seus anhelos, erguendo as mãosinhas, invocava o nome de Deus, e afflicta correndo os mesmos riscos, ia arrancar-me das bordas do precipicio!

Oh! pedaços de ouro que perdi! Oh! vida do céo na terra! Oh! cuidados da infancia, que vales tanto como as mais altas venturas da felicidade do homem!

Vida que desapareceu atravez da cortina negra que a ella se autepoz, e que se alguma transparencia tem, é só para nos deixar ver os horrores que virão amanhã accumular-se aos de hoje!

Assim como eu fui arrancado dos campos para as aulas, tambem o foi Maria por seu turno.

Paremos um pouco. O meu espirito como que se vai transviar.

Oh! se realmente existisse o Lethes, eu n'elle me banharia agora.

Só o supplicio de Tantalos para mim se torna real!

(Continúa).

GRIMALDI.

UM DIVORCIO ORIGINAL

Comedia em um acto

pelo Dr. A. de Castro Lopes.

(Vid. o n. antecedente).

SCENA VI.

UM CAIXEIRO e GERVASIO, voltando para a scena, e dirigindo-se á porta, como quem tem ouvido bater.

Gervasio.—Entre quem bate. (Entra um caixeiro, entrega uma carta a Gervasio, que a abre, lê um cartão que ella

cartinha; e depois de examinar receiosamente se alguém vio, guarda o sobrescripto com o cartão no bolso da sobrecasaca; dirigindo-se ao caixeiro.) Bem, bem; estou sciente. (O caixeiro sabe immediatamente.)

SCENA VII.

O MESMO E MATHILDE.

Mathilde.—O senhor perderia o juizo?

Gervasio.—Eu é que devia agora fazer-lhe essa pergunta.

Mathilde.—O senhor lembra-se bem do que jurou á face da igreja?

Gervasio.—Decididamente não comprehendo palavra.

Mathilde, com ar significativo.—Pois eu hei de fazer com que comprehenda.

Gervasio, aborrecido.—Senhora, eu preciso de repouso; não me leve ao ultimo desespero. (*Vae para dentro*)

SCENA VIII.

MATHILDE e o mesmo CAIXEIRO, que tanto nesta, como na outra scena, fica fóra da porta, entrega uma carta a Mathilde, que faz exactamente tudo quanto Gervasio fez, e depois de guardar no seio a carta, diz para fóra:
Bem; fico sciente; pôde ir.

SCENA IX.

MATHILDE E GERVASIO.

Gervasio, com um ar serio e solemne, e puxando uma cadeira.—Senhora D. Mathilde, preciso de que me ouça com toda a attenção.

Mathilde, puxando tambem uma cadeira e sentando-se em frente de Gervasio.—Ouvil-o-hei.

Gervasio, solememente.—Ha faltas na vida para as quaes o perdão é considerado pela sociedade como uma ignominia.

Mathilde.—Não sei a que se refere.

Gervasio.—Peço-lhe que me ouça.

Mathilde.—Sou toda ouvidos.

Gervasio, continuando.—Faltas, que arrastão comsigo a desgraça e a vergonha; que as leis classificão e punem como um crime.

Mathilde.—O que quer o Sr. dizer?

Gervasio.—Que sou victima dessa desgraça.

Mathilde.—Comprehendo: está arrependido de suas faltas, e implora o seu perdão.

Gervasio, agastado.—A senhora accrescenta a zombaria ao seu delicto?!...

Mathilde.—Queira explicar-se, porque eu não decifro enigmas.

Gervasio.—Pois bem, eu vou explicar-me. A minha dignidade, a minha honra estão mortalmente feridas: eu sou victima de uma traição conjugal!...

Mathilde, agastada.—O Sr. insultou-me?

Gervasio.—Sou eu o insultado: de hoje em diante ficarão para sempre rotas as nossas relações; vou tratar do nosso divorcio.

Mathilde, com muita dignidade.—Sr. Gervasio, eu não sou tão simples, como o Sr. suppõe. O Sr. quer in-

ventar uma calumnia para cohonestar o seu procedimento; quer tornar-me culpada aos olhos do mundo para sahir triumphante; engana-se. Eu saberei defender-me, e mostrar que sou eu, unicamente eu, quem tem queixas do seu comportamento.

Gervasio.—A senhora atreve-se....

Mathilde.—Eu atrevo-me a dizer que o Sr. é um marido perverso....

Gervasio, agastado.—Senhora....

Mathilde, continuando.—Um velho libertino....

Gervasio, crescendo de raiva.—Senhora, eu.... eu...

Mathilde, continuando.—Um homem perfido, um marido fatal, um seductor.

Gervasio, no auge da colera.—Oh! é de mais! é de mais!

Mathilde, sempre o mesmo tom.—Sim, hei de accusal-o com todas as minhas forças; hei de provar a minha innocencia, demonstrando ao mesmo tempo que o Sr. tem illudido a minha boa fé, tem abusado da minha confiança.

Gervasio, levantando-se colerico.—Ha de accusar-me? ha de provar... mas onde, onde tem a senhora provas de semelhante cousa?

Mathilde.—Onde? Eu tenho-as aqui, aqui mesmo. (*Chega-se para perto de Gervasio e põe-lhe a mão no bolso do peito da sobrecasaca; Gervasio recia, e esforça-se para aboitoar a sobrecasaca*). Que carta é essa que tem n'esse bolso? diga, diga; eu quero ver já e já essa carta. (*Continúa a forcejar por tirar do bolso de Gervasio a carta*).

Gervasio, luctando para não dar a carta.—Senhora, eu não tenho carta alguma; é uma invenção, é uma calumnia.

Mathilde.—O Sr. tem uma carta; eu vi guardal-a nesse bolso com todo o cuidado, receiando que o observassem. Oh! eu quero por força ver essa carta! (*Muito agitada e quasi luctando com Gervasio por tirar-lhe a carta*).

Gervasio, atropalhado, e como olhando de repente para o seio de Mathilde, aponta horrorisado.—E de quem é essa carta que ahí vejo?!... Oh! eu quero por força ver tambem essa carta. (*Lança-se sobre Mathilde, que assim sorprendida procura occultar a carta; Gervasio tenta tiral-a*).

Eu quero, eu lhe ordeno que mostre essa carta!

Mathilde, depois de uma pequena pausa, e com resolução.—Pois bem; não lhe occultarei uma vaidade para justificar a minha innocencia. (*Mettendo a mão no seio*).

Gervasio, impaciente, em attitude de tomar a carta.—Dê-me, dê-me essa carta. (*Mathilde entrega-lhe o sobrescripto, que Gervasio abre soffregamente, e depois de ler o cartão n'elle cantido diz em tom inteiramente diverso*).—Mas a senhora ia...

Mathilde, impaciente e imperiosa.—Agora exijo, ordeno-lhe tambem que me mostre esse bilhete. (*Gervasio procede do mesmo modo que Mathilde, que diz tambem por sua vez*).—Mas o Sr. ia...

Gervasio, naturalmente.—Sim, minha querida Mathilde, eu o confesso, é uma fraqueza; eu ia tingir os cabellos; era em uma casa da rua do Sabão: este cartão é a participação da mudança.

Mathilde, em tom brando:—Meu querido Gervasio, nós as mulheres temos o instinto do bello, que o mundo chama vaidade: os meus cabellos vão alvejando antes do tempo; e eu... eu achava que cabellos brancos não me assentavam ainda.

Gervasio, olhando para o carlão que tem na mão:—Mas era na rua de S. Pedro? Ah! comprehendo! a casa era uma só, e tinha duas entradas diferentes, para homens e para senhoras.

Mathilde:—Está tudo explicado!

Gervasio, com effusão, e abraçando Mathilde:—Sim, perfeitamente explicado. (Ainda abraçado). Estreitemos ainda mais, se é possível, os laços que nos unem: reine o amor e a concordia em nossas almas.

SCENA X.

OS MESMOS e HONORATO, vendo com espanto os dois abraçados.

Honorato:—Bem digo eu que é um casal modelo! que vivem n'uma concordia...

Gervasio, ainda abraçado, termina a phrase:—Exemplar!...

Mathilde, cantando a copla que segue.

Iludiu-me a apparencia;
Divorcio não quero mais;
O meu querido Gervasio
E' a melhor dos mortaes!

Gervasio.

Que engano, caro doutor!
O divorcio mallogrou-se;
A innocencia de Mathilde
Inteiramente provou-sel...

Honorato.

São felizes, são ditosos!
Só eu tive a infelicidade
De perder mais uma causa
Da minha especialidade!

Mathilde e Gervasio.

Invejem a nossa sorte
Os mais ditosos casaes;

Mathilde, só.

O meu querido Gervasio
E' o melhor dos mortaes!...

Honorato e Gervasio.

Nunca um par mais venturoso
No mundo todo encontrou-se

Gervasio.

A innocencia de Mathilde
Inteiramente provou-sel...

Mathilde e Gervasio.

Reine a paz, reine a concordia
No regaço d'amizade;

Honorato.

Vou fechar o escriptorio
Da minha especialidade.

Meditações *

..... tout rentre dans l'ordre à la mort.

J. J. ROUSSEAU.

..... ce feu spirituel qui nous anime au de-
dans, nous consume, et toute notre vie n'est
qu'une long et pénible agonie. Or, dans cette
situation, quelle image devrait être plus fa-
milière à l'homme que celle de la mort?

MASSILON.

Pourquoi recuinais la mort, si l'on a assez
bien vécu pour n'en pas craindre la suite?

BUFFON.

Tu, oh! filha do céu, certa morte,
Nos descarnados braços não conduzes
Sómente a agra desgraça;

Tu trazes a ventura do infeliz
Que nunca da fortuna teve em mimo
A mais pequena graça.

Quando das fundas orbitas teus olhos
Perspicazes devassão neste mundo

A fraca humanidade,

E o aduncado alfanje descarregas,

—Se trazes um pezar, trazes, oh! morte,
Tambem a flicidade.

A' alma pura, d'encantos adornada,
De que lhe presta a vida n'este mundo
Cercada só de dôres;

Se a morte lhe a ventura traz consigo
De ethereos gozos, de prazer infinito
Em regiões melhores?

As do cysne gentil nevadas plumas
Não se estendem jámais na face impura
Das aguas paludosas;

Emblema da pureza —o cysne— foge,
Sólla harmonico canto, e morre envolto
Nas notas maviosas.

Eu sinto que em minh'alma tenho a seiva
De mui celestes, perfumosas flores
Que não podem viver,
Por se acharem cercadas de mil urzes,
Da peçonha fatal de atroz desgraça,
Que as faz emmurcheçar!

E quando em seu fadario, esvoaçando,
Passa junto de mim a voraz morte
Sem ver-me na passagem,
Abrem-se as flores rescendendo aromas,
Que em flocos vaporosos vão subindo
Ao céu na branda aragem.

.....
Escarro da irrisão, baba do vicio,
Insulto ao proprio Deus, são muitas vidas
No mundo para mim!
Foge minh'alma do contacto impuro
D'almas que affação na grandeza o crime,
E vivem sempre assim!

Melhor lhes fóra no crysol da angustia
Purifical-as no final momento
De eterna transição,
Do que —tórpes e cegas e descuridas—
Perdurarem no mundo, revolvendo
Um cháos de perdição!

.....
Quando das fundas orbitas teus olhos
Perspicazes devassão n'este mundo
A fraca humanidade,
E o aduncado alfanje descarregas,
—Se trazes um pezar, trazes, oh! morte,
Tambem a flicidade.

Eu sinto que em minh'alma tenho a seiva
De mui celestes, perfumosas flores
Que não podem viver,

* Poesia offerçada ao meu amigo o Sr. Dr. Manoel Jorge Rodrigues em 15 de outubro de 1868.

Por se acharem cercadas de mil urzes,
Da peçonha fatal da atroz desgraça,
Que as faz emmurchecer !

.....

Si é Deus que persevera em meu tormento
Para mais depurar-me a paciência
No cadinho da dôr,
Antes que ella falleça, venha a morte...
Jámais goze minh'alma uma ventura,
Para fruir melhor!...

Mas então para que luz em minh'alma
Essa vã esperança que ao mortal
Conforta e vivifica?...
Apagai-me essa luz também, meu Deus!
Tirai-me a aspiração, tirai-me tudo...
Dizei-me— o que é que fica?...

Fica a materia inerte e apodrecida ;
Sem alma e sentimento, e sem affectos
Para glorificar-vos !
Se me foge a esperança, a fé trepida...
Minh'alma se transvia !... Oh ! Deus ! não quero
Viver para aggravar-vos !

GRIMALDI.

Devaneio.

Em deserta e linda praia,
Sentado na branca areia,
Ouvi ao longe, mui longe
O cantar de uma serêa

Aquellas notas tão tristes
Que escutou meu coração
Erão d'ella, da serêa,
Que cantava esta canção :

« Ha tres dias, pressurosa,
« Que atravesso longos mares ;
« Deixei as costas do norte
« Em procura d'outros lares.

« Eu era alegre e feliz,
« Nas aguas do Ceará,
« Hoje não sei onde a sorte
« Por meu mal me levará.

« A's margens do Guanabara
« Fui trazida pelos ventos
« Onde existe essa donzella
« Que nasceu pr'a meus tormentos. »

E a serêa nadava,
Meio corpo fóra d'agua,
E no espaço se perdião
Os cantos de suas maguas.

E querem saber quem é
D'essa serêa a rival ?
E' Alzira, a quem adoro,
E' de amor meu ideal !

Seus fios, louros cabellos
Pelo dorso desatados,
De marfim seus alvos dentes
Em coral vivo engastados ;

Suas faces côr das rosas,
Seus olhos côr de saphira,
Seu rosto d'anjo, seu porte,
Quem ao ver não admira ?

Tal como a vi em meus sonhos,
Vi-a na realidade ;
Era o typo da belleza
Nas galas da immensidade !

.....

Mas Alzira vaporosa,
D'ausencia na sombra escura,
Apartou-se de meus olhos
Levando minha ventura !

Embâlde busco os lugares
Onde a vi para adoral-a,
E pergunto aos céos, á terra,
Onde vê-la, onde encontra-la !

Ninguem me responde, oh ! não !
Nem um éco volve a mim
Pr'a conforto de minh'alma,
Para a meus males dar fim !

Mas hoje em busca do anjo
Fui chama-lo á beira-mar :
« Alzira ! Alzira, onde existes,
« Onde podes te occultar ? ! »

Apenas tinha acabado
Assim de chamar Alzira,
De uma onda alvi-spumante
A serêa se emergira !

« Ingrato !... Francino, ingrato !
(Me falla, dizendo adeus)

« Tu ficas no Guanabara
« Mas eu volvo aos lares meus.

« Sob os céos do Ceará
« Onde a luz de amor beijou-me,
« Hei de morrer entre as ondas,
« Já que Deus assim fadou-me ! »

Disse, e foi a largos nados
Sulcando as aguas do mar,
Sem mais ouvir-lhe um lamento,
Sem seu rosto me voltar.

.....

Sob o céu do Guanabara
Não mais Alzira avistei ;
Foi castigo, ou foi loucura ?
Onde a serêa ?... — Não sei !

F. M. MELLO E OLIVEIRA.

Revista da semana.

Criticar é, em verdade, cousa desagradavel e ardua.

Entretanto escreva-se um folhetim sem critica e sarcasmo, e todos dirão — *forte desenhado*!

O folhetim é, pois, um inferno, é verdade que honroso, mas sempre inferno. Os fructos que se colhem d'essa arvore maldicta são tão amargos... mas que remedio senão comel-os e fazer carêtas para que os leitores achem graça, e rião á nossa custa?

Ora, vá lá dizer ao publico que a semana passada quebrará a corda ao *relogio politico a cacetle*, e que essa pendula cessando sua monotona oscillação, D. Politica deixou de ser regulada, e procura uma ampulheta que supra a falta d'esse chronometro. Isto é simples, mas sem sabor, porque ninguém achará graça, ou então quererá descobrir algum *dente de coelho* para mettel-o na pelle do pobre folhetinista! Deixar-me-hei portanto de *meias palavras* para dar aos leitores uma agradavel noticia. Eil-a:

Forão descobertas umas *fontes de aguas virtuosas*, que têm a propriedade de curar *manias politicas*.

Decrepitos senadores, jovens deputados, veadores, subdelegados, e até *redactores*, correm á porfia e em alvoroço pelas ruas desta heroica cidade a disputarem por primazia qual d'elles ha de chegar a curar-se primeiro de seu — *mal a la-tête*.

A *prestimosa* Junta de Hygiene Publica depois de um exame chimico, declarou que effectivamente as *fontes* erão um remedio efficaz para essa *Politica* que ataca o cerebro por dentro e o couro cabelludo por fóra.

Por consequencia em breve teremos a salvacão da patria, porque a politica deixando de existir, ou sendo cousa morta *inter vivus*, ainda lucraremos a transformacão do Hospicio de Pedro II em templo da Prosperidade Nacional!

E o tal amigo, portador de tão grata noticia, lá se foi tambem por entre a turba-multa caminho das *fontes*, e fiquei eu pensando com meus botões.

Pensei... pensei... pensei muito... e por fim não pensei em cousa alguma, porque pensava em politica, e a politica não se dá bem comigo.

— "Caminha! Caminha! tu és o Judeu Errante da corte, porque fadeste-te folhetinista, e não pararás enquanto não sentires o alforge das novidades cheio de mentiras ou de verdades."

Era a voz do meu destino que assim me fallava!

Caminhei... caminhei muito tempo, entregue ás leis do meu fado, porque ia sem destino, e dei com os ossos no alcaçar da Justica.

Penetrei-lhe as portas, entrei reverente até chegar ao sagrado recinto onde a vendada deusa péza as culpas da humanidade e expurga a sociedade de seus perniciosos consocios. Ouvi e vi muita cousa que me pareceu um sonho! Um *ex-Ministro* advogando a causa de um cida-

dao aggreddido, e *reperguntando* a mais *candida* testemunha que lá ouvi depôr, no intuito de achal-a contradictoria, sem se lembrar que o depoente tem corrido *Sica e Meca e India e Mina!*

Os espectadores, por sua conta e risco, entravam nas attribuições do juiz, e absolvêrão o réo; e eu em minha consciencia tambem o absolvo, porque vi-o com esse semblante alegre e apaziguado, que sóe adornar o rosto do homem inculpado.

Perguntei a um meu visinho de auditorio que questão era aquella?

— Ah! pois não sabe? E' uma questão politica, respondeu-me elle.

Desde que o meu interrogado fallou-me em politica, lembrei-me do *relogio*, e, examinando-o, fiquei pasmo do tempo que se escoou a ouvir *juurar testemunhas!*

* *

O alforge já está pelo meio; é mister enchel-o antes de voltar para casa.

Nada direi sobre theatros, porque todo o folhetinista falla n'elles, e eu não quero imital-os para que não se me diga:

Com isso te abates

No meu parecer;

O tolo só diz

O que ouve dizer.

(O verso não é meu, mas tambem não sei de quem seja; não sirva entretanto isso de pena ao leitor.)

E assim passei eu pelos theatros como gato por brazas, e fico em paz com os emprezarios de todos elles.

E mudemos de *essumpto* quanto antes.

* *

O folhetinista tem o dever de tudo ver, e hade acompanhar a sociedade em seus movimentos e sentimentos geraes, chorando quando ella chora, rindo quando ella ri, dormindo quando ella dorme, saltando quando ella salta.

Seja assim. Mas eu nada vi esta semana, nem sei se a sociedade fluminense chora ou ri, nem se dorme ou está alerta.

As moças sei eu que não dormem, porque á noite não *sonhão senão nos bailes*, e de dia andão aos magotes pela rua das modas a reduzirem o metal sonante a vestidos de seda e a chapéos de *casca d'alho* com plumas de *flôr de jambo*.

Os rapazes tambem não socegão um momento: andão atraz d'ellas applicando a popular luneta aos sedosos *coques*.

* *

Oh! céos! E a descripção da partida da sociedade *Harmonia Familiar*? O alforge acha-se replecto; o que fazer?—Indefrido, digo, esperado.

ERRA-VAGANTE.

A decifracão da charada do n. antecedente é: *Joaquima*; a do enigma: *O cavallo galopando é menos veloz que o progresso*.